

BOLETIM SESI COVID

QUINTA-FEIRA, 07 DE OUTUBRO DE 2021

AMÉRICA DO SUL

POR QUE O BRASIL DEVE SE PREOCUPAR COM A VACINAÇÃO NA VENEZUELA, BOLÍVIA E PARAGUAI?

A vacinação é desigual entre continentes, da mesma forma que é desigual entre países de um mesmo continente e entre regiões de um país. A América do Sul é, até o momento, o terceiro continente com maior proporção da população vacinada com duas doses, atrás da Europa e da América do Norte. Com ao menos uma dose, é o primeiro (Figura 2).

O Brasil tem no momento 44% da população completamente vacinada e 71% com uma dose



FIGURA 1 AMÉRICA DO SUL E BRASIL

PROPORÇÃO DE TOTALMENTE VACINADOS E DOS COM AO MENOS UMA DOSE (ENTRE PARÊNTESES) ATÉ 04/10/2021

Fonte: Our World in Data / Consórcio de veículos de imprensa

administrada. Entre os nossos vizinhos, estamos abaixo, no que diz respeito à vacinação completam de Chile (81%), Uruguai (79%), Equador (55%) e Argentina (50%). Com cobertura de ao menos a primeira dose administrada, somente Chile e Uruguai superam o Brasil.

É importante avaliar o estágio da vacinação nos vizinhos que fazem fronteira com o nosso país. O ponto de maior preocupação (Figura 1) encontra-se na região Norte, em uma fronteira porosa, com grande fluxo de pessoas, entre a Venezuela e o estado de Roraima. Haja vista, a Venezuela tem a menor cobertura entre os países do continente, e Roraima, a menor entre os estados brasileiros.

Em outros estados da região Norte, como Amazonas, Acre e Rondônia, as taxas de vacinação estão abaixo da média nacional e com valores próximos aos de países com os quais fazem fronteira, como Colômbia e Peru – superiores apenas aos da Bolívia. Apesar das fronteiras serem extensas, o trânsito humano nesses locais é de baixa intensidade.

Mais ao sul, também exige atenção a cobertura vacinal baixa de Bolívia e Paraguai, mesmo

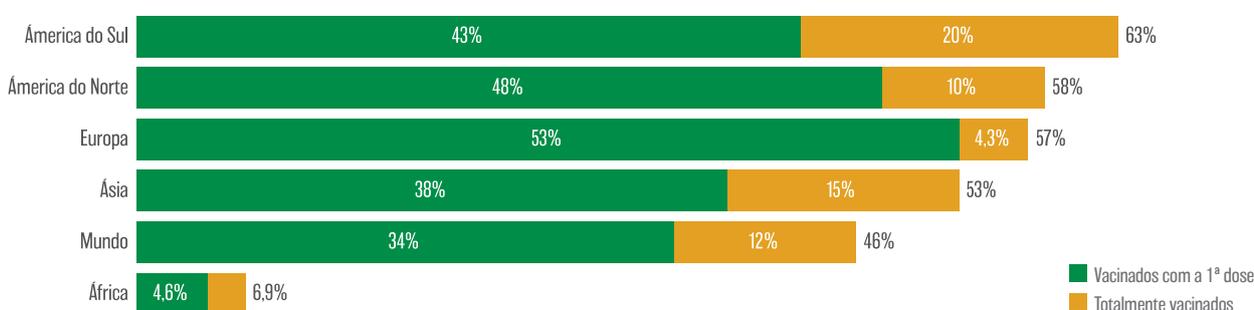
que os estados fronteiriços de Mato Grosso do Sul e Paraná estejam entre os que mais vacinam no Brasil. As fronteiras Bolívia-Mato Grosso do Sul e, principalmente, Paraguai-Paraná são muito movimentadas, o que deve estimular, em breve, uma proposta de apoio do governo brasileiro, ou desses dois estados, ao esforço vacinal feito na Bolívia e no Paraguai.

Nas fronteiras com a região Sul do país, Argentina e Uruguai possuem vacinação avançada, o mesmo ocorrendo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Apesar do desempenho bom da América do Sul na campanha de imunização de suas populações, do ponto de vista do Brasil, haverá a necessidade de ampliar a vacinação nos estados da região Norte, especialmente nas fronteiras. Devemos também planejar uma colaboração com Bolívia e Paraguai em termos de cessão de vacinas ou de insumos.

As pessoas têm a capacidade de prevenir doenças por meio do distanciamento físico, do uso de máscaras e da vacinação. O vírus, ao contrário, não precisa de passaporte para se locomover. ■

FIGURA 2 COBERTURA VACINAL (1ª E 2ª DOSES) DE ACORDO COM A POPULAÇÃO DE CADA CONTINENTE ATÉ 4/10/2021



Fonte: Our World in Data



VACINAS

BRASILEIROS SÃO OS QUE MAIS VALORIZAM A VACINAÇÃO

Uma pesquisa realizada em oito países de três continentes diferentes mostrou que o brasileiro dá muito valor à vacinação. Pelo menos mais do que as populações de Espanha, Itália, França, Alemanha, EUA, Canadá e Japão. Segundo o levantamento, 83% dos brasileiros entrevistados consideram importante manter a vacinação de rotina em dia. Em seguida, vem o Canadá com 67%.

Foram ouvidos de forma online 16 mil adultos com mais de 50 anos ao longo dos meses de julho e agosto de 2021, sendo 2 mil em cada país. O objetivo da pesquisa realizada pela Kantar, com apoio da farmacêutica GSK, foi entender o papel que a imunização desempenha na saúde e no bem-estar.

O mesmo estudo feito antes da pandemia já colocava o Brasil em primeiro lugar na lista, mas com 59%. Ou seja, o impacto da COVID-19 na consciência dos brasileiros foi grande. Nessa comparação entre cenários pré e pós-pandemia, os outros países que tiveram um forte crescimento do interesse foram Itália (32% para 65%) e Japão (30% para 64%).

A grande maioria (70%) dos entrevistados afirma que continuaria usando máscara em público (85% no Brasil, que fica atrás apenas do Japão, com 86%) e manteria práticas de distan-

ciamento social quando estivesse doente (83% no Brasil, acima dos demais sete países).

Veja outros dados levantados pela pesquisa.

- ▶ A proporção de adultos brasileiros que consideram a saúde pessoal, o bem-estar e a independência muito importantes aumentou de 74% (antes da pandemia) para 85% (após o início da pandemia). Em segundo lugar está a Itália, com 84%.
- ▶ Na mesma categoria, as mulheres ficam à frente dos homens (81% a 71%), considerando os oito países.
- ▶ 8 em cada 10 entrevistados dizem ter recebido a vacina contra a COVID-19.
- ▶ Brasileiros são os mais engajados no cuidado com a própria saúde: 88% dos entrevistados relataram ter feito exames de rotina nos últimos cinco anos, porcentagem superior à média geral, de 84%.
- ▶ Entre as duas vacinas com maior resposta de adesão nos últimos cinco anos, o Brasil também está à frente, com 89% reportando terem tomado a vacina contra a COVID-19 (80% na média da pesquisa) e 73% terem tomado a vacina contra a gripe (54% na média da pesquisa). ■

TENDÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA DAS TAXAS DE NÃO-IDENTIFICAÇÃO DE ÓBITOS

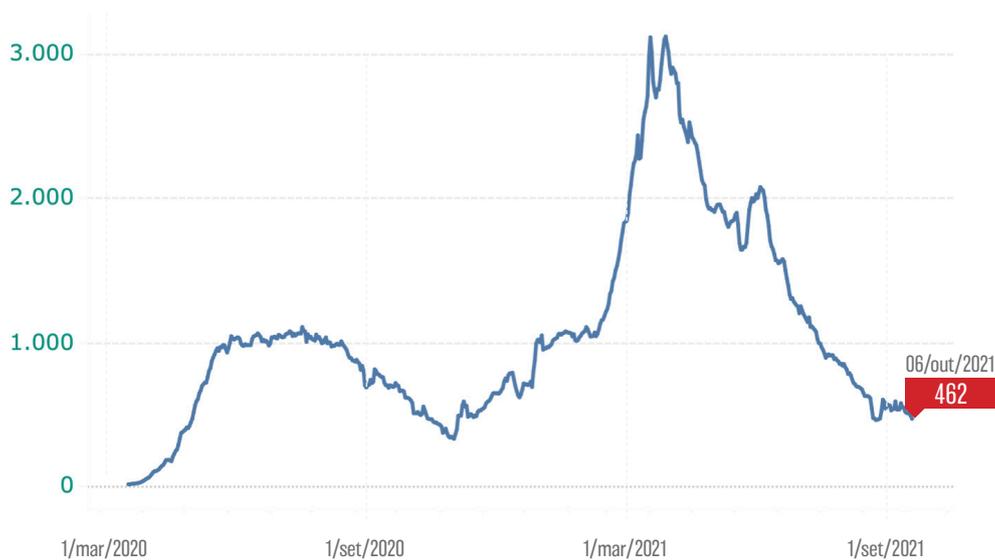
A média móvel de mortes pela COVID-19 em todo o país tem ficado abaixo do limite de 500 por dia. Ainda assim, acima do que vivenciamos em novembro de 2020.

Um outro dado mais auspicioso, e importante para os serviços de estatísticas nos municípios e estados, é a estimativa de não-identificação de mortes por COVID. Ela indica que o Brasil possui uma das menores taxas entre os países mais populosos do mundo. A revis-

ta *The Economist*, em sua edição mais recente, usou o método do excesso de mortes (em relação a anos anteriores à pandemia) e mostrou, por exemplo, que as fatalidades no Brasil devem estar 10% acima dos números oficiais. Nos Estados Unidos, essa porcentagem é de 30%. Na Rússia, é de 300%. Na Índia, 900%!

Esses dados podem explicar por que a quantidade de óbitos avança mais lentamente no Brasil do que nesses países. O problema está com eles. ■

ÓBITOS: MÉDIA MÓVEL DE 7 DIAS



Fonte: Conselho Nacional de Secretários de Saúde

ENTREVISTA

CRISTIANO GONÇALVES

GERENTE DE INOVAÇÃO DO INSTITUTO BUTANTAN



“O que se busca hoje é a autossuficiência, a produção sustentável não só de vacinas, mas de produtos biológicos”

Na última semana, saíram os primeiros resultados internacionais de ensaios clínicos da ButanVac. Os dados demonstram que a nova candidata a vacina contra a COVID-19 do Instituto Butantan é segura e com alta capacidade de estimular resposta imunológica. Nesta entrevista, o cientista Cristiano Gonçalves fala das vantagens oferecidas pelo imunizante: a fabricação feita inteiramente no Brasil, o baixo custo de produção, o promissor uso em países mais pobres e a oportunidade de combiná-la à vacina contra a gripe, facilitando a vacinação da população.

Em que estágio está o desenvolvimento da ButanVac?

Terminando a fase de testes clínicos, para os quais recrutamos cerca de 320 voluntários. Es-

tamos testando a melhor dosagem para a vacina, ou seja, sua concentração proteica, que pode ser diluída, menos diluída ou concentrada. Ao mesmo tempo, analisamos o perfil de segurança da vacina: o que ela causa, quais os efeitos adversos, sua toxicidade. Terminada essa etapa, iniciamos o estudo de imunogenicidade, que mostrará a resposta imune dos voluntários. Na última fase, que deve começar no início de 2022, vamos testar um número maior de pessoas e fazer a comparação com as vacinas que já estão no mercado, o que demonstrará a eficiência da ButanVac.

Para quando podemos esperar a sua produção? Esperamos que ela seja aprovada no primeiro semestre de 2022. Mas estamos otimistas com o avanço dos estudos, pois resultados prelimi-

nares de ensaios clínicos feitos na Tailândia demonstraram que ela é segura e altamente imunogênica. Seu perfil de segurança é semelhante ao da CoronaVac, que é a vacina mais segura sendo aplicada hoje [contra a COVID-19].

Pode falar sobre os estudos para a criação de uma vacina única contra a gripe e contra a COVID-19? Como se daria?

Faz muito sentido essa combinação, pois a ButanVac utiliza a mesma tecnologia usada na produção da vacina contra a influenza: a inoculação de um vírus modificado que contém a proteína S do SARS-CoV-2 em ovos embrionados de galinhas. Essa tecnologia oferece maior eficiência e segurança, já que não causa sintomas em seres humanos. Formular a combinação da ButanVac com mais três que compõem a vacina trivalente contra a gripe é algo que parece infactível, mas o Butantan vem estudando como essa vacina, que seria quadrivalente, responderia.

Quais os maiores entraves e em quanto tempo podemos ter essa vacina única à disposição?

Apesar dos resultados promissores da ButanVac e da existência da vacina influenza, a combinação das duas é considerada pela Anvisa como um produto novo, que exige a realização de todas as etapas do processo de desenvolvimento. Os testes estão sendo feitos em animais, há um caminho grande que exige muito investimento em pesquisa e pessoal qualificado. Dando tudo der certo, acho factível que a vacina única esteja pronta ainda em 2022. Isso vai permitir que a grande taxa de adesão da vacinação

contra a gripe seja transferida para a aplicação da ButanVac, facilitando a vida das pessoas.

Em relação à ButanVac especificamente, existe um forte interesse de outros países em comprá-la?

Sim, já houve manifestações de interesse, principalmente dos vizinhos sul-americanos. Como é uma vacina de custo baixo (o Butantan produz anualmente 80 milhões de vacinas da gripe), pesquisadores pretendem levar a ButanVac a países de baixa e média renda. É preciso dizer também que ela será fabricada totalmente no Brasil, sem dependência de insumos importados, sem transferência de tecnologia, já que o Butantan detém essa tecnologia.

Além dos ganhos para a saúde pública, qual a importância de produzirmos essa vacina no Brasil?

Vimos durante a pandemia uma dependência grande de diversos países em relação a poucos países produtores de imunizantes. O que se busca hoje é a autossuficiência, a sustentabilidade de produção não só de vacinas, mas de produtos biológicos. Aprendemos muito com a CoronaVac, e agora com a ButanVac, sobre vários aspectos do processo de desenvolvimento de uma vacina. Posso dizer que é uma experiência pessoal transformadora trabalhar num projeto que trará resultados tão perenes; a motivação e o aprendizado são diários. Buscamos a autossuficiência, mas para isso temos que aprender com nossos parceiros. Caminhando sozinhos, não vamos conseguir contar uma história bonita. ■